

revista

MUNDO ESCOLAR

ANO 4 - Nº 15 - AGO/2022

Uma escola humana, acolhedora e diversa

Novos desafios e novos rumos
da Educação brasileira.



DIVERSIDADE

Um ambiente bom
para todos

SUSTENTABILIDADE

Entender os limites
do planeta

METAVERSO

Suas aplicações para
a Educação

FTD 120 ANOS

A história e os novos
rumos do grupo

FTD
educação

Evoluímos juntos para ir mais longe.

Há várias gerações, estamos presentes no dia a dia da escola, apoiando, criando pontes e estimulando famílias, estudantes e colaboradores a experimentar suas melhores versões.

Com tantas vivências, completamos 120 anos de história e a sensação é de que apenas iniciamos. Hoje, uma nova era começa para a **FTD Educação** e ela só é possível porque você caminha com a gente: apresentamos a evolução da nossa marca - ainda mais próxima, inquieta e em constante movimento.





FTD
educação



**Conectamos histórias.
Construímos futuros.**



**O futuro da Educação não está
distante. Ele já é realidade.
Vamos conhecê-lo juntos?**



FOCO NO HOJE, MAS COM OLHOS PARA O FUTURO

A edição que coincide com a celebração dos 120 anos de história da FTD Educação traz um olhar ampliado, como se o setor educacional brasileiro estivesse sendo analisado do alto: os caminhos que o fizeram chegar até aqui – e o que esperar dos próximos tempos.

A humanização e o acolhimento mostram-se fatores fundamentais para os dias de hoje, resultado de um processo de evolução tecnológica e hiperconectividade que já vinha em curso, mas que foi acelerado com a eclosão da pandemia da Covid-19.

Em meio ao arrefecimento do impacto da doença, o retorno gradual das atividades presenciais e a convivência com uma nova realidade. Toda uma geração de alunos sofreu intensamente os impactos da interrupção das atividades presenciais em sua formação como indivíduos.

Como ressalta em entrevista a filósofa e psicanalista Viviane Mosé, “quem viveu um isolamento profundo nesse momento, tem sequelas psíquicas de convívio”. Segundo a pensadora, que é convidada com frequência para discutir os dias atuais, é preciso receber esses estudantes com mais ternura. “Um abraço, um olhar, uma voz, uma mínima atenção podem salvar esse quadro”, diz.

Do ponto de vista climático, o que se acompanha é uma causa urgente: se faz necessário que, cada vez mais, a premência de medidas mais sustentáveis esteja na escola e, principalmente, nas casas, empresas, indústrias e sociedade.

E essa instituição estudantil terá de se firmar como um ambiente que receba a todos, com suas características e necessidades. “As pessoas são e vivenciam experiências e oportunidades distintas e essas percepções podem fazer a diferença para respeitar a diversidade dentro de um contexto”, relata a coordenadora pedagógica do Instituto João Clemente (IJC), a antiga Apae-SP, Yara Leandro dos Santos.

As tecnologias educacionais, por sua vez, são intrínsecas a essa nova realidade, seja com características herdadas dos períodos de ensino remoto, seja nas previsões de outras revoluções que estão para acontecer, como o advento do metaverso.

Humana, diversa, inovadora e sustentável. A escola deve estar pronta para ser tudo isso.

Boa leitura. Equipe Educacional

revista
MUNDO ESCOLAR

Equipe de trabalho FTD Educação

Ricardo Tavares
Cintia Cristina Bagatin Lapa
Roberta Campanini
Elaine Castello (Curadoria de Conteúdo)
Clayton Luiz Ferreira de Oliveira
Estella Pina Bover

Realização:

Editor:
Edmilson Cardial
Curadoria:
Marcelo Daniel
Projeto gráfico e diagramação:
Débora de Bem
Gerente de publicidade:
Margarete Rios Silva



A revista **Mundo Escolar** é uma publicação trimestral da FTD Educação, produzida pela RFM Editores com conteúdo exclusivo para seus leitores. Distribuição gratuita.

Impressão:

FTD
educação | GRÁFICA & LOGÍSTICA

FTD Educação

Rua Rui Barbosa, 156 - Bela Vista - São Paulo
CEP 01326-010 - www.ftd.com.br



6 Caminhos para uma
escola humana,
acolhedora e diversa

14 Um lugar bom
para todas as pessoas

20 Aprender a viver em um
planeta com limites

23 Metaverso na educação:
expectativa versus realidade

26 Lar, escola,
redes sociais e futuro

32 O aluno no controle
das atividades educativas

36 Empresa com tradição,
mas nada tradicional

40 Marca histórica
não se muda, evolui



Caminhos para uma escola humana, acolhedora e diversa

Filósofos e pesquisadores debatem os desafios e rumos da educação brasileira, sob os ecos da pandemia, das novas tecnologias, legislações e das necessidades do aluno

Após anos de isolamento em suas casas, os alunos, agora em sala de aula, continuam ‘ausentes’, cada um em seu espaço. O cenário é preocupante e tem sido relatado com frequência por professores, principalmente em classes de adolescentes. “Quando voltam, parece que se esqueceram de como conviver”, alerta a psicanalista Viviane Mosé, especializada em políticas públicas e doutora em filosofia.

Os dias vivenciados por estudantes no país – e, em certos aspectos, em todo o mundo – têm sido complexos e desafiadores.

O retorno às atividades presenciais, após um período ímpar na história da humanidade, como o enfrentado desde 2020 com a pandemia da Covid-19, tem proporcionado uma série de obstáculos

nos campos técnico e social que, além de denotarem um desafio para as rotinas escolares, mostram como serão os passos desse processo educacional no futuro.

O impacto dessas ocorrências foi tão grande que, em artigo produzido no início da pandemia, a professora e pesquisadora do departamento de Educação da Universidade de Murcia, na Espanha, Cecilia Azorín, chegou a classificá-lo como uma supernova na história do ensino.

ESCALA ESTELAR

Na astronomia, de forma bem resumida, a supernova é a explosão de uma estrela, que coincide com o estágio final de sua vida. É uma mudança absoluta no seu estado de existência. “Quando utilizei esse termo, no início da pandemia, minha



intenção era a de reconhecer o profundo impacto que a Covid-19 tinha provocado no campo da educação”, explica a acadêmica espanhola.

A pesquisadora, que se recuperava da contaminação pelo vírus em meados do mês de maio, quando respondeu aos questionamentos da revista **Mundo Escolar**, contou que essa era a impressão que tinha naquele momento. “Me aventurei em afirmar que, durante o fechamento das escolas, todo o percurso educativo das décadas anteriores havia chegado ao fim”, recorda-se.

Passado o momento mais crítico da crise sanitária mundial, Azorín esclarece que, em sua publicação mais recente, já de 2022, conta que o contexto, ainda levando como comparação a astronomia, passou a ser o de uma estrela pulsar.

Pulsares têm sua origem nos restos de estrelas que entraram em explosões durante as supernovas.

Segundo a análise da professora, o modelo pulsar da educação se compõe de três elementos. “O giro copernicano que agora, mais do que nunca, coloca o aluno no centro da ação educativa; o campo magnético, que está atraindo as inovações pedagógicas que se organizaram por consequência desse movimento; por fim, o farol orientador, que atualmente ilumina o caminho da aprendizagem em um mundo que se supõe cada vez mais complexo”, resume.

TRILHA INTERMEDIÁRIA

Com base em seus estudos, a pesquisadora acredita que o ensino está assumindo um caminho intermediário – e que é possível observar que algo foi aprendido nesse período. “A pandemia estimulou muitos a perceberem a oportunidade que brinda esse próximo momento, para levar adiante inovações necessárias para o aprendizado”, pontua.

Nesse contexto, destaca seu interesse no pilar da colaboração, com o estabelecimento de culturas mais profundas nesse âmbito, que surgiram durante o isolamento social e que podem transcendê-lo.

“As escolas e seus funcionários precisam definir novos modelos de educação e desenvolver culturas de aprendizagem colaborativa, que preparem os alunos desde a infância para serem apoiados por



seus pares, para resolver problemas juntos, bem como criar redes e trocar conhecimentos”, diz.

Antes do período pandêmico, complementa, havia um consenso sobre a necessidade de preparar futuras gerações mais colaborativas, mas isso não chegava a se manifestar na prática, observa.

“Atualmente, o uso de redes na educação aumentou exponencialmente e ficou comprovado que, embora já fosse precisa a colaboração, a pandemia tornou essa necessidade ainda maior – há mudanças que, definitivamente, vieram para ficar”, afirma.

O QUE É PRECISO MUDAR

Em um compêndio de circunstâncias particulares da educação espanhola, Azorín cita alguns problemas globais que prejudicam a realidade de seu país.

Alguns deles, ressalta, também podem ser aplicados ao contexto brasileiro. “Existem matizes comuns entre os dois países, como a segregação socioeconômica, as taxas de evasão do ensino médio e os problemas ligados à exclusão digital que os diferentes sistemas educacionais têm experimentado globalmente”, aponta.

Azorín, da Universidade de Murcia: mais do que nunca, o aluno está no centro da ação educativa

SER ESTUDANTE EM TEMPOS DE ANGÚSTIA

No início da crise da Covid-19, a sociedade, como um todo, vivenciou momentos de angústia por conta da ameaça da doença e o conceito da proximidade da morte. Se com o passar do tempo esse sentimento vem sendo superado, de alguma maneira, ele passou a se somar a outro processo, reflete o doutor em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Marcelo Carvalho. “Estamos observando uma mudança de sensibilidade, que foi intensificada pela pandemia, que é a experiência do trauma, de viver o choque constante, na velocidade que somos bombardeados por crises e problemas”, comenta.

Esse conflito, cita, tem também relação com o uso massificado das rotinas on-line. “Quanto mais tempo as pessoas dedicam ao ambiente virtual, mais angustiante fica esse processo”, diz.

Para crianças e adolescentes, o professor, ex-diretor da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof), aponta que esse sentimento de aflição foi potencializado pelo isolamento social. “O indivíduo, entre 10 e 12 anos de idade e, também, dos 16 aos 18, demonstra uma angústia associada a um tipo de convivência que ele não sabe construir”, explica.

O uso intenso das redes sociais também interfere nesse quadro. Carvalho compara algumas interações nessas plataformas como “xingar alguém no trânsito”, pois você emite uma mensagem, mas não está em contato com o interlocutor.

“O excesso desse tipo de convívio digital diminui a capacidade de reconhecimento do valor que as pessoas têm e, assim, a gente vai perdendo o horizonte daqueles que estão ao nosso redor”, pontua.

Para o professor, o momento hoje é de utilização do espaço escolar para reconstruir essas estruturas. “É preciso olhar para esse adolescente, que não construiu essa capacidade de se reconhecer no outro, para ter essa possibilidade de compadecimento – isso se torna algo muito mais difícil em outros momentos da vida”, afirma.



Carvalho, da Unifesp: angústia por uma convivência que o aluno não sabe construir

E ainda enumera, citando pesquisas brasileiras, outras questões como falhas na comunicação, no uso das novas tecnologias e na colaboração por parte das famílias. “São dificuldades que tiveram forte impacto na aprendizagem dos alunos e na evasão escolar”, diz.

UM MUNDO MAIS COMPETITIVO

Na visão do professor da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) Gabriel Medina, que estuda a Psicossociologia da Juventude, os próximos tempos para jovens e adolescentes serão desafiadores. “Vão encontrar um mundo

mais competitivo, com o trabalho desregulado, precarizado, com domínio das grandes corporações em várias dimensões da vida, que será cada vez mais mercantilizada”, alerta.

Para o docente, a discussão sobre esse momento não pode ser apenas no sentido mais amplo, como: ‘tivemos mais adoecimento mental’ ou ‘de que forma a gente põe mais psicólogos’.

“Esse é um problema que temos de encarar de forma coletiva, buscando saídas institucionais e sociais, não meramente individuais”, estabelece o acadêmico, que volta o olhar para a instituição nesse cenário. “A escola tem que pensar em como



Medina, da FESPSP:
uma escola humanizada,
acolhedora e promotora
de saúde

difundir saúde e promover o acolhimento, a escuta; tem que oferecer soluções a partir da intensificação da participação social, para que o jovem e a comunidade escolar se sintam parte do processo de construção da instituição, visando buscar uma solução mais coletiva”, comenta.

HUMANIZAR E ACOLHER

Para Medina, conceitos como o da humanização e acolhimento devem estar presentes em um projeto escolar, “que reconheça a diversidade dos sujeitos, que fale muito da questão racial, da livre orientação sexual, da identidade de gênero, do machismo e de como a gente acolhe essas diferenças”, explica.

De acordo com o acadêmico, essas temáticas não devem ser respondidas de forma individualizada. “A gente precisa responsabilizar os professores e gestores escolares nesse processo, eles devem se comprometer a ter uma escola humanizada, acolhedora e promotora de saúde”, afirma.

A INTERNET E A CRIAÇÃO DE CONTEÚDO

Partindo do pressuposto de que o conhecimento está sendo acessado em todos os lugares, o problema atual, reflete o professor, está em criar um processo com os jovens sobre como acessar esses conteúdos. “Hoje em dia, o consumo da internet é

de rede social, para compartilhamento de fotos e vídeos de Tik Tok”, afirma.

Apesar de todas as possibilidades que a rede oferece, o seu uso, no geral, não explora esse potencial. “A escola precisa criar relações com esse público para ele produzir na internet, criar tutoriais de estudo, de reflexão, desenvolver aplicativos interessantes para aprender”, enumera.

Medina reforça que é preciso ver a rede como uma aliada e não inimiga – mas que não é indicado achar natural a forma como os jovens utilizam esses recursos.

Segundo o especialista, isso também serve para adultos, que cada vez estão lendo menos, constantemente consumidos por ferramentas como o WhatsApp. “Precisamos fazer a reflexão de como se aproveitar da tecnologia para aprender, conhecer, fazer trocas mais profundas e não tão superficiais”, diz.

COMPAIXÃO, SOLIDARIEDADE E RESPEITO

Dentre as tão comentadas competências para o século XXI, presentes na escola e na vida, Medina ressalta que muitas delas estão pautadas pelo mercado e as novas dinâmicas de trabalho, em questões como criatividade, colaboração e resolução de problemas complexos.

No entanto, há espaço e necessidade para outros valores. “Compaixão, solidariedade, respeito ao outro, amor precisam ser pilares que estruturam uma sociedade”, reflete, reforçando que é preciso encontrar tempo e espaço para se atentar nisso.

“Temos de trabalhar, porque a desumanização e a barbárie têm vindo com muita força, como um projeto hegemônico no mundo, abdicando da ideia da democracia como forma de governo”, aponta.

Para o especialista, é preciso produzir um outro modelo de sociedade, onde tópicos como compaixão, solidariedade e respeito possam prevalecer – “e a educação tem papel central em produzir esse cenário, em que são os princípios éticos que sustentam uma sociedade e precisam ser alicerces na construção de um novo padrão de relação do ser humano com o mundo, com a natureza e a própria interação entre as pessoas”, afirma. 🌐

Mosé: Precisamos
incentivar a vida, para que
possamos seguir adiante

A portrait of Viviane Mosé, a woman with glasses and a colorful headband, smiling and resting her arms on a stack of books. The background is a plain, light-colored wall.

Um abraço que pode salvar uma vida



Filosofia, psicanálise e diretrizes educacionais na condução dos rumos de uma educação mais humana e de uma escola que promova a alegria

S seja nas suas definições filosóficas, em análises sobre políticas públicas ou, ainda, na sua poesia, as palavras da capixaba Viviane Mosé costumam ser ouvidas por numerosas plateias em clima de imersão.

Doutora em filosofia e psicanalista, sua opinião vem sendo buscada constantemente para realizar leituras do mundo em que vivemos – na educação, na gestão, na cultura, na sustentabilidade, entre outros macrotemas.

À revista **Mundo Escolar** Mosé falou sobre o tipo de sensibilidade que devemos esperar e construir na escola brasileira.

Mundo Escolar – A senhora costuma discorrer sobre a importância de uma escola que deixe de lado o conteúdo excessivo e decorado, para promover outras experiências de aprendizagem com os alunos. É possível dizer que tivemos alguma mudança nesse sentido ou ainda é tempo de reforçar essa necessidade?

Viviane Mosé – Nada disso é novo no Brasil. Se nós conseguíssemos reunir as experiências ousadas e exitosas, teríamos um imenso material para estimular as escolas que ainda não estão nesse processo. Mas é que nós não prestamos atenção às melhores instituições, mas sim às piores.

Em educação, a gente ainda vive de denúncia, achamos bonito criticar, dizer que, no país, ela vai mal. Não é verdade: depende do município, da es-

cola, do ano, do gestor daquele período. Tudo isso é muito relativo. Construir novas experiências faz parte do processo de inovação e transformação do mundo, isso é natural, mas o Brasil já conta com excelentes práticas na educação pública, que podem servir de estímulo para novas experiências. Por isso é importante considerar que cada escola precisa construir o seu próprio modelo, fundamentado em situações anteriores bem sucedidas, que a inspirem.

Há uma frase muito forte de sua autoria que é a de que um abraço pode salvar uma vida. Pensando em uma educação para o futuro, esse tipo de alerta ocupa um papel importante nesse processo?

Obrigada por me lembrar dessa frase. Sim, um abraço pode salvar uma vida. Aqui falamos de pessoas em isolamento – não em solidão, que é uma questão existencial, de cada um, já que você se sente sozinho mesmo no meio dos outros. O abandono, a exclusão, não. Isso é um fator social, você vive em grupo e é excluído, não tem contatos nem convívio por alguma razão – às vezes pela timidez ou porque você tem uma característica que incomoda as pessoas ao redor. O isolamento é muito dolorido, ele vai tirando da gente a sensação de que existimos e, aí, a nossa vida não mais importa. Você não escova os dentes, enfim, vai entrando numa situação de absoluto abandono, em relação ao fluxo de sua vivência. Um abraço, um olhar, uma voz, uma mínima atenção podem salvar esse quadro. Isso é fundamental quando a gente entende que todos somos ninguém e que,



diante de um imenso sofrimento, podemos nos encontrar numa situação dessa. Um indivíduo com muito dinheiro pode estar num quadro de sofrimento profundo. Todos somos iguais nessa questão existencial, da solidão e do abandono extremo.

Qual será o desafio em falar com esses jovens angustiados, hiperconectados e com pleno acesso à informação, após um período de interrupção das relações sociais presenciais?


É entender, principalmente, que quem estava adolescente na pandemia, entre 12 e 18 anos, essa faixa etária precisa de políticas públicas específicas, pois é um momento de socialização no nosso crescimento. E quem viveu um isolamento profundo nesse momento tem sequelas psíquicas de convívio. Há relatos de professores que narram sobre alunos de quase todas as faixas etárias, mas em especial desta, que, quando voltam, parece que se esqueceram como conviver, que ficam cada um isolado em seu canto. Mas isso implica ações presenciais para toda a juventude, que envolvam acolher, se divertir e criar. De ludicidade, de dança e

de festa, de brincadeira e também espaço de criação artística e cultural.

Haverá, na escola, espaço para temas como solidariedade, compaixão, tolerância e amor ao próximo?

Há espaço para novos temas na escola, o professorado tem consciência disso e quer esse debate, os gestores e secretários querem, mesmo quando o Governo Federal não quer, como é o caso agora, isso não atinge diretamente a sala de aula. Nossos professores são fortes e estão sempre dispostos, especialmente agora, que a instituição está ferida, machucada, há muita dor, luto. Crianças e adolescentes voltando após perder os pais, irmãos; muitos professores perderam filhos e familiares. Está todo mundo retornando de um longo período de distância, triste, com muito sofrimento. Por isso é importante a vida na escola, a alegria e a ludicidade: pessoas que sofrem no psíquico não são capazes de aprender e nem de lutar por seus direitos. Precisamos incentivar a vida, para que possamos seguir adiante. A escola está aberta pra isso – e sempre esteve. 🌍





Um lugar bom para todas as pessoas

**Diversidade,
neurodiversidade e
inclusão** como pilares
fundamentais para
a existência de uma
escola do futuro

Em meados de abril, o colunista da *Folha de S.Paulo* Jairo Marques lembrou um fato que comoveu pessoas no mundo inteiro, no ano de 2016: a emoção de um garoto autista e seu pai, na cidade do México, sensibilizados enquanto a banda de rock Coldplay tocava a música *Fix You* (título que, ironicamente, pode ser traduzido como te consertar).

Cadeirante e especialista em jornalismo social, diversidade e inclusão, Marques conta que, numa passagem recente pelos palcos mexicanos, os integrantes da banda reconheceram o impacto do

vídeo e convidaram o hoje adolescente para o palco, para ser ovacionado.

Esse não é um caso isolado. O jornalista ressalta que a banda, uma das mais populares do planeta, coleciona atitudes e incentivos pela inclusão.

Diante do cenário, fica a reflexão sobre como fazer um mundo melhor para todos os seres humanos, com suas particularidades – inclusive no momento tão especial na vida de cada indivíduo, que é a escola.

“A educação está em constante movimento e as mudanças são necessárias para reorganizar e ressignificar nossas práticas”, ressalta a coordenadora pedagógica do Atendimento Educacional Especializado (AEE) do Instituto Jô Clemente (IJC), Yara Leandro dos Santos. “É preciso acompanhar

os avanços tecnológicos para garantir um movimento que fortaleça a relação dos estudantes com o prazer de estudar, e pesquisar sobre as suas áreas de interesse”, diz.

CUMPRIMENTO DA LEI

As normas que definem o acolhimento não fazem parte de regras específicas a cada situação, mas à própria Constituição Federal, de 1988. O artigo 208, inciso III, do documento, prescreve que: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: (...) atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Além da questão teórica, é preciso ver, na prática, ações nas instituições escolares que garantam o cumprimento da lei, de forma universal. Se faz necessário ir além das premissas burocráticas, mas assumir uma conduta que siga em direção a uma mudança de cultura.

A headhunter internacional Erica Castelo observa que essa alteração do mindset já pode ser visualizada em outros segmentos da sociedade, como o mundo corporativo. “O próximo passo importante para as organizações que realmente querem mudanças mais profundas é transformar sua cultura para inspirar, permitir e encorajar tanto a diversidade como a inclusão”, escreve.

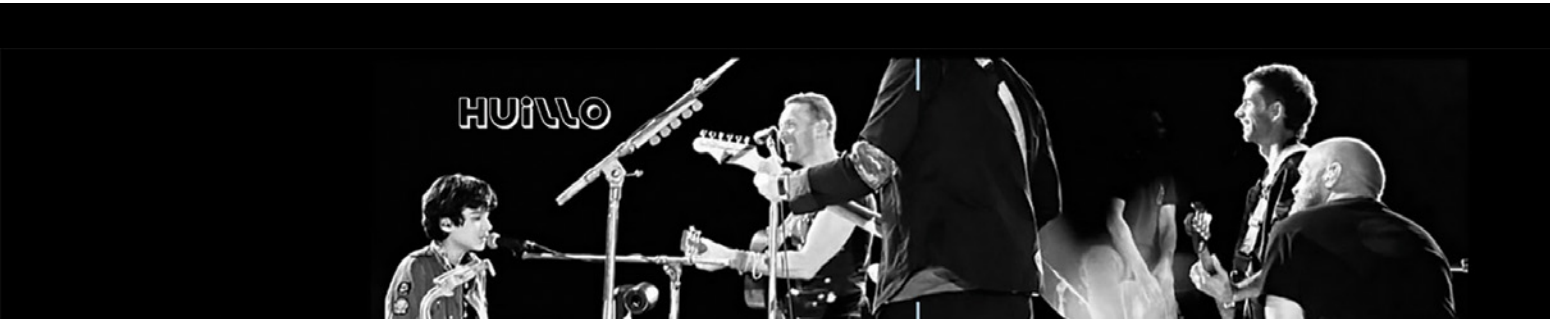
Em artigo publicado na plataforma Conteúdo Aberto (<http://conteudoaberto.ftd.com.br>), a especialista em recursos humanos ainda ressalta que esse processo não tem gerado resultados satisfatórios quando feito de maneira engessada, como uma política mandatória, mas sim através de alterações profundas na forma de conduzir as atividades, com exemplos concretos de renovação. “A Coca-Cola, que na América do Norte passou de uma companhia marcada por um processo milionário em 2000 envolvendo um caso de preconceito, para uma empresa, em 2016, passou a contar um dos maiores índices de representação de mulheres negras em cargos de VP e C-level”, cita.

Diversidade cultural, étnica, biológica, social, entre outras. São muitas as vertentes que devem ser compreendidas pelo modelo do processo edu-



Yara Santos: é preciso conviver para entender as diferenças

“AS PESSOAS SÃO E VIVENCIAM EXPERIÊNCIAS E OPORTUNIDADES DISTINTAS E ESSAS PERCEPÇÕES PODEM FAZER A DIFERENÇA PARA RESPEITAR A DIVERSIDADE DENTRO DE UM CONTEXTO.” – YARA SANTOS



Rock e inclusão: banda Coldplay recebe adolescente autista no palco, em show no México.

cativo. A revista **Mundo Escolar** traz aqui impressões de uma pequena fatia dessa realidade, para mostrar vivências práticas nos bancos escolares do país.

NEURODIVERSIDADE

Desde o final de 2019, a antiga Apae-SP mudou de nome. A nomenclatura que acompanhava o órgão desde sua fundação, em 1961, passou a ser Instituto Jô Clemente, em homenagem à sua idealizadora.

Santos explica que o conceito de neurodiversidade refere-se às diferenças entre as capacidades de aprender, o funcionamento neurológico e do intelecto – “isso nos leva a entender que a deficiência intelectual, autismo e as altas habilidades não são doenças e não podem ser curados”, pontua.

São condições em que o sujeito e a sociedade precisam desenvolver habilidades específicas de convívio, aprendizado e desenvolvimento. “As pes-

soas são e vivenciam experiências e oportunidades distintas e essas percepções podem fazer a diferença para respeitar a diversidade dentro de um contexto”, prossegue.

A especialista analisa que, considerando toda a história, é possível apontar alguns avanços na forma como a educação encara o tema da neurodiversidade, como, por exemplo, a formação continuada dos professores e as discussões voltadas à diversidade. No entanto, salienta que nem todas as escolas estão bem estruturadas quanto à acessibilidade arquitetônica, recursos tecnológicos e recursos humanos para atender a essas demandas. “Nosso modelo educacional ainda não favorece a plena inclusão e o aprendizado de todos os alunos”, diz.

DISLEXIA: DIAGNÓSTICO E FERRAMENTAS

A falta de mecanismos para diagnosticar o cenário, a dificuldade na formação de professores para esses contextos e a estruturação da rede pública de saúde para o devido acompanhamento estão entre as dificuldades na promoção de uma educação mais inclusiva para crianças e adolescentes com transtornos específicos de aprendizagem, como a dislexia e discalculia.

A dislexia é o transtorno que interfere no aprendizado da leitura, enquanto a discalculia está relacionada às dificuldades com números.

“O diagnóstico da dislexia provoca dois impactos diretos nas famílias: emocional e financeiro”, explica Juliana Amorina, presidente do Instituto ABCD, que se dedica a fornecer conhecimento para brasileiros com o transtorno.

Para Juliana Amorina, do Instituto ABCD, dislexia causa impactos emocionais e financeiros nas famílias





UM FUTURO MAIS INCLUSIVO

Para a presidente do Instituto ABCD, é preciso um olhar atento do professor, focado na criança, para identificar os alertas para um possível diagnóstico da dislexia, mas também propiciar atividades específicas para não deixar esse estudante sem estímulo. “Oferecer tarefas diferenciadas é importante pois, se for persistente, é preciso chamar a família, conversar e promover o encaminhamento para a unidade básica de saúde”, enumera.

A coordenadora do Instituto Jô Clemente reforça que é preciso conviver para entender as diferenças e vivenciar situações desafiadoras para conseguir enxergar as mudanças necessárias.

“A inclusão das pessoas em todos os espaços sociais é de extrema importância e urgência para o mundo ser um lugar bom para todas as pessoas”, conclui. 🌍

No aspecto emocional, o órgão promoveu estudos que mostram que 80% dos grupos familiares que convivem com esse diagnóstico relataram ansiedade, baixa autoestima e tristeza.

“No campo financeiro, informações mostram que a identificação do transtorno chega de forma particular e não pelo Sistema Único de Saúde (SUS), sob um investimento médio de R\$ 2 mil”, aponta.

O instituto e grupos de pais de alunos com transtornos de neurodesenvolvimento aguardam pelos efeitos da lei 14.254, sancionada em novembro de 2021, que prevê identificação precoce, encaminhamento de educandos – com dislexia, transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem – para diagnóstico e apoio educacional na rede de ensino, além de apoio terapêutico especializado na rede de saúde.

“É PRECISO UM OLHAR ATENTO DO PROFESSOR, FOCADO NA CRIANÇA, PARA IDENTIFICAR OS ALERTAS PARA UM POSSÍVEL DIAGNÓSTICO DA DISLEXIA, MAS TAMBÉM PROPICIAR ATIVIDADES ESPECÍFICAS PARA NÃO DEIXAR ESSE ESTUDANTE SEM ESTÍMULO.” – JULIANA AMORINA



A educação antirracista é o único caminho

Nas palavras da doutora em educação Cléa Maria Ferreira, a única forma possível de falar em um futuro educacional é se ele for comprometido com as práticas antirracistas. “E creio que estamos caminhando muito timidamente na direção desse objetivo, embora reconheça a ampliação do debate público sobre a questão e um maior interesse em compreender melhor os desafios envolvidos e as possibilidades de atuação para superá-los”, diz.

Os desafios para a implementação de uma formação étnico-racial no país são profundos. Ferreira acredita que o primeiro deles está no reconhecimento de que a sociedade é profundamente marcada pelas desigualdades raciais – e que isso se reflete de maneira contundente nos contextos educacionais mais variados. Nesse âmbito estão desde a diferença de representação dos grupos populacionais negros nas posições de liderança no setor público, até a discrepância de aprendizagem entre crianças negras e não negras.

“Inclusive, ousaria dizer que parte do problema começa com a inexistência de um censo robusto que viabilize a produção de um retrato fidedigno dos diferentes grupos raciais na educação”, explica, relatando que já houve campanha do Inep para ampliar o preenchimento do campo cor/raça no Censo Escolar em 2015, mas ainda existe um contingente de profissionais da educação, bem como familiares e estudantes, que não efetuam esse registro no material, embora o campo seja obrigatório e tenha sido incluído desde 2005.

DIFICULDADES NA APLICAÇÃO DA LEI

Apesar da existência, há quase vinte anos, da Lei 10.639, de 2003, que trata do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressaltando a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira, as escolas no país têm dificuldades em cumprir a medida.

“Penso que o maior desafio é a formação de educadores, seja ela inicial ou continuada. E incluo os gestores da secretaria e escolares nesse rol”, aponta a doutora em educação.

Para ela, é muito recente – e parcial – o reconhecimento da existência do racismo estrutural e seus efeitos nos processos de ensino e aprendizagem. Isso fez com que houvesse muita resistência na revisão dos processos de formação de educadores, bem como dos materiais que dão suporte à sua prática, como livros didáticos, por exemplo.

Ao contrário, salienta: muitos desses dispositivos, quando não inviabilizam esses grupos minorizados e os conhecimentos produzidos por eles, reforçam estereótipos e estigmas sobre eles.


“Na minha tese discuto os desafios e possibilidades para as travessias necessárias: a caminhada ainda é longa, mas os primeiros e fundamentais passos já estão sendo dados por muitos educadores e organizações comprometidas com essa pauta”, explica. Na sua opinião, nesse trajeto é preciso eliminar as iniquidades presentes no contexto educacional, como condição para a formação de uma nação verdadeiramente democrática. 🌍



Cléa Maria Ferreira: a única forma de um futuro educacional é ser antirracista



Aprender a viver em um planeta com limites



Escola tem participação importante
no processo da compreensão do
problema ambiental e das atitudes
transformadoras para a busca de
um planeta equilibrado

Números ligados à sustentabilidade são preocupantes e mostram uma situação de urgência. No Brasil, não se recicla nem 10% dos resíduos sólidos; o índice desses dejetos que vão para compostagem, para se transformar em adubo orgânico, não chega a 1% – há potencial para que 50% do lixo produzido tenha essa destinação.

“Há, sim, um aumento nas discussões sobre esse tema no campo da educação, mas se formos olhar as atitudes das pessoas, veremos que essas ações ainda são insuficientes diante das demandas que estão postas”, comenta a pedagoga, fundadora e diretora executiva do Instituto 5 Elementos, Mônica Pilz Borba.

A organização tem foco na educação para a sustentabilidade, e desde 1993 “semeia” práticas com esse objetivo. Para a especialista, escola, alunos e famílias devem ser impactados por esse tema, para que a mudança seja realizada na sociedade.

POUCA TRANSFORMAÇÃO

Apesar da existência de um tímido trabalho de conscientização, em uma escala pouco transformadora, explica a diretora, a biodiversidade nacional está sendo reduzida, as queimadas têm aumentado e o aquecimento global é crescente.

Para ela, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apesar de contemplar a questão ambiental como um tema transversal, traz dificuldade de atuação nas rotinas escolares. Acentua que a execução da transversalidade é difícil em um ambiente onde os professores de cada disciplina continuam oferecendo, apenas, conteúdos estanques, relacionados à matéria. “Teria de ser um trabalho conjunto das áreas de conhecimento, para desenvolver um projeto teórico e prático junto às crianças”, comenta.

Na opinião de Mônica Borba, a BNCC está muito distante de ensinar jovens, crianças e adultos a viver em um planeta com limites. “Com 7,5 bilhões de habitantes, cada vez mais essas limitações vão aumentar – e nossa educação não está focada para a manutenção de nossa existência nesse planeta”, diz.

PRÁTICA NAS ESCOLAS

As questões socioambientais devem estar presentes nos lugares onde as pessoas vivem – suas casas, escolas, bairros e cidades, ressalta a pedagoga, que reforça a necessidade da existência de processos participativos em todos esses pontos.

“Qualquer projeto de educação ambiental exige um objetivo e uma meta de transformação, de melhoria, de redução – acredito que essa seria uma parte muito importante na rotina escolar: colocar o discurso teórico em prática”, afirma.

Dentre as medidas que podem fazer parte desse conjunto de ações estão as metas de consumo, uso e tratamento da água presente na instituição de ensino, por exemplo. “E que isso tenha algo ligado ao monitoramento desses processos, para podermos acompanhar ao longo dos anos e constituir uma série histórica, assim por diante”, pontua.

São medidas que ajudariam na formação de crianças e jovens ativos, conscientes e ligados em uma política que efetive a sustentabilidade no cotidiano das residências.

OLHAR PARA O FUTURO

Na visão de Mônica Borba, existe na escola uma lacuna quando o assunto é a discussão sobre



Mônica Pilz Borba: ações ainda são insuficientes diante das demandas que estão postas

Brúnel Galhego Ricc

temas como futuro e planejamento. “Todas as informações que os ambientalistas trazem há mais de 40 anos hoje estão se tornando realidade e são frutos de um universo de entendimento de como o planeta funcionou no passado, presente e como será no futuro”, comenta.

Ela relata que a maioria das pessoas não faz as conexões básicas, em um pensamento mais holístico e sistêmico. “Para esses indivíduos, a mudança climática é um assunto bem distante do dia a dia, mas eles estão percebendo tanto na cidade quanto no campo que o clima está mais violento e mais intenso”, diz.

Nesse contexto, observa, cabe à educação trazer um novo viés de compreensão para esse público, com a proposição de conexões entre essas informações, com um modelo de pensamento mais sistêmico e menos linear, de planejar, pensar no futuro, na prevenção, causas e efeitos a curto, médio e longo prazo.

MUNDINHO VERDE E AZUL

Atenção redobrada para o descarte do lixo, uso de garrafas e copos pessoais ao invés dos descartáveis, pesquisas, palestras, contação de histórias e jogos ligados ao tema do meio ambiente. Essas atitudes fazem parte do cronograma diário a que são submetidos os alunos do colégio Centro de Estudos, de Campos dos Goytacazes (RJ), com

Projeto ambiental em sala de aula em escola dos Campos dos Goytacazes



a implementação do projeto Mundinho Verde e Azul.

“A escola exerce um grande impacto no processo de conscientização ambiental, pois se trata de uma instituição que, além do desenvolvimento dos conteúdos formais, desempenha um papel social muito importante na formação dos alunos enquanto futuros cidadãos”, esclarece a vice-diretora pedagógica da unidade, Betina Britto.

Para a gestora, as pautas sustentáveis têm ganhado muito mais visibilidade, uma vez que, atualmente, o aluno é inserido no processo e conscientizado a respeito de seu papel na sociedade – e isso faz com que o trabalho sobre esse assunto ultrapasse os muros da escola e alcance a comunidade como um todo.

CONSCIÊNCIA COLETIVA

Existe uma consciência coletiva de sustentabilidade e preservação, porém deve-se trabalhar a importância de cada indivíduo nesse macrossistema, alerta. “Dentro das salas de aula, por exemplo, é importante realizar uma transposição didática que contemple a realidade daquele aluno, para que, por meio dele, a mensagem chegue àqueles que estão do lado de fora – as lacunas existem, mas é através da educação que o cenário se transforma”, diz.

Estudantes e familiares se engajam e contam com o apoio da comunidade, com a realização de visitas em áreas de propriedade privada, municipal e estadual, e atividades ao ar livre, contato com animais da fazenda e outras realidades que não fazem parte do dia a dia das pessoas.

“Acredito em um amanhã com cidadãos mais conscientes da necessidade de cuidarmos do planeta”, destaca a vice-diretora. 🌍



Betina Britto: as lacunas existem, mas é com a educação que o cenário pode melhorar

Metaverso na educação: expectativa versus realidade

Um recurso que já pode ser
pensado como ferramenta
educacional ou um futuro em
desenvolvimento sob efeito
de marketing excessivo?

Afinal, o que é o metaverso? Um jogo de videogame mais avançado ou uma reunião de teleconferência desconfortável e piorada?

A pergunta bem-humorada foi escrita pelo colunista da Wired, respeitada revista norte-americana sobre tecnologia; Eric Ravenscraft, em texto recente (abril de 2022) que tem o objetivo de tentar entender o que, de fato, já se sabe a respeito desse novo mundo virtual.



A reflexão do autor, que é especialista em escrever sobre novos produtos, tem um certo ar de desespero: apesar de ser um assunto de que, na prática, pouco se sabe, o tema está presente em todos os noticiários, sendo aplicado a todos os segmentos – entretenimento, trabalho, comportamento, moda, arte etc.

“Já faz mais de seis meses que o Facebook anunciou a mudança de nome para Meta, focando seu futuro na chegada do ‘metaverso’, mas, desde então, o que esse termo significa não ficou mais claro”, pontua.

AFINAL, O QUE É METAVERSO

Funcionários de grandes companhias do setor, as *big techs*, ouvidos por Ravenscraft sugerem que a dificuldade em explicar como serão tais recursos se deve ao fato de que esse universo ainda está em construção. “A internet existia já nos anos 1970, eles comentam, mas nem toda a ideia de como ela seria estava clara ou, mesmo, verdadeira”, diz.

De maneira geral, conforme o que se tem divulgado até o momento, é possível representar o metaverso como um ambiente que inclui a realidade virtual ou *virtual reality* (VR), caracterizada por mundos persistentes, que continuam a existir mesmo quando você não está neles conectado; bem como uma realidade aumentada ou *augmented reality* (AR), que combina aspectos dos mundos digital e físico.

Uma característica que o colunista ressalta é que, apesar das premissas citadas acima, da forma como vem sendo apresentado, tudo indica que não será obrigatório acessar esses locais via dispositivos de VR ou AR. “Mundos virtuais – como o apresentado no jogo Fortnite que pode ser acessado por PC, console de videogame e até smartphones – já começaram a se referir a si mesmos como ‘metaverso’”, ressalta.

APLICAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Durante a feira educacional Bett Brasil 2022, realizada no mês de maio em São Paulo (SP), o CEO da startup Layers Education, Danilo Yoneshige, relatou que algumas soluções já estavam voltadas à aplicação do metaverso na educação, com foco, por exemplo, em óculos de realidade virtual, entre outros.

“Como essa tecnologia considera uma experiên-

Danilo Yoneshige: tecnologia considera experiência real em um ambiente digital

DESAFIOS DO NOVO AMBIENTE VIRTUAL

Apesar de constituir uma realidade ainda distante do universo educacional brasileiro, já é possível elencar alguns pontos que devem se configurar como desafios para a chegada do metaverso no ambiente educacional.

Danilo Yoneshige, da Layers Education, citou alguns possíveis cenários:

Segurança

“A segurança de informações ainda continua como uma preocupação uma vez que o ambiente digital é passível de vazamento de dados”, afirma.

Humanização

“Com um ambiente cada vez mais virtual, não podemos deixar o contato humano se perder nesse caminho”, pontua.

Supervisão

“É importante lembrar que não é só o ambiente educacional que será teletransportado, mas todo o ambiente de vivência dos alunos. Por isso, a supervisão do acesso ao metaverso é imprescindível para garantir um contato seguro entre os estudantes e a tecnologia avançada”, diz.





cia de vida real em um ambiente totalmente digital, podemos prever que a ambientação de escolas e salas de aula, por exemplo, possa ser visitada com esses óculos de realidade aumentada e outros elementos que complementam a experiência sensorial”, comenta.

O executivo enxerga que essas possibilidades podem otimizar a qualidade da aprendizagem dos estudantes. “Eles poderão visitar lugares que antes só eram conhecidos por livros, como a Grécia antiga ou o Museu de História Natural de Nova York; jogos educativos irão despertar ainda mais o interesse dos estudantes ao proporcionarem uma vivência imersiva no metaverso”, diz.

Entre as vantagens para a escola, destaca a diminuição de custos com espaços físicos e o aumento da produtividade da equipe comercial, por exemplo, que vai poder agendar mais visitas de pais e responsáveis interessados em matricular seus filhos nas instituições.

Pode aumentar, ainda, o engajamento dos alunos, melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem.

A comunicação também pode ser mais efetiva no metaverso, uma vez que o gerenciamento de tempo entre atendimentos e aulas pode ser mais imediato em um lugar em que o transporte físico não será um obstáculo.

“Mas é uma incógnita o real funcionamento, ainda mais em um ambiente tão plural como o de educação”, pondera.

METAVERSO OU CIBERESPAÇO

O colunista da Wired, Eric Ravenscraft, sugere um exercício para entender a complexidade do conceito que define esse novo universo.

“Mentalmente, substitua o termo ‘metaverso’ em uma frase por ‘ciberespaço’ – em 90% do tempo, o significado da sentença não vai mudar substancialmente”, revela.

Já mais estabelecido, o termo empregado desde meados dos anos 1980 para representar o ambiente virtual formado pelos meios de comunicação modernos, principalmente a internet, também pode se aplicar ao novíssimo recurso tecnológico.

“Isso acontece porque o termo não se refere a um tipo específico de tecnologia, mas sim a uma mudança ampla (muitas vezes especulativa) na forma como interagimos com esses novos recursos”, explica.

UTOPIA OU REALIDADE

Apesar de reconhecer que esse universo deve agregar muito valor para a atividade educativa, Yoneshige entende que o cenário nacional carece de outras prioridades no momento – como o próprio acesso à internet, computadores de qualidade e recursos multifuncionais como tablets e outras ferramentas.

Acredita-se que os primeiros públicos a conseguir acesso a esses recursos seriam as instituições particulares de ensino fundamental. Dados de um estudo desenvolvido pela Layers Education no início do ano, “As Escolas Privadas do Brasil Durante a Pandemia”, corroboram essa afirmação. “O ticket médio de gastos de pais e responsáveis em instituições privadas passou de R\$ 979 em 2019 para R\$ 1.219,24 em 2020”, diz.

O CEO, no entanto, acredita que a aplicação de tais medidas ainda está longe de fazer parte do dia a dia do ensino brasileiro. “É importante ressaltar que eu não acredito que nos próximos cinco anos o metaverso esteja inserido no ambiente educacional – pode demorar um pouco, ainda, em função das limitações técnicas”, afirma. 🌐





Lar, escola, redes sociais e futuro

**Como as instituições
de ensino se
relacionam
(ou deveriam
se relacionar)
com estudantes
inseridos na nova
estrutura familiar,
em um universo
hiperconectado**

O conceito da “família brasileira” dentro de um modelo único não faz mais sentido hoje em dia. O que há, de fato, são famílias diversas que compõem essa nova estrutura atual. Os últimos tempos trouxeram avanços, com a configuração de um novo cenário, tanto para a mulher como para o homem, o pai e a mãe. Estamos diante de uma revolução (em curso) com uma divisão diferenciada de tarefas – distintas daquele formato já cristalizado, em que as mães ficavam com os afazeres domésticos e os pais, financeiros.

“Hoje estamos indo para um contexto em que duas pessoas inteiras, ou um adulto responsável, conjugam algo maior, onde 1 mais 1 pode ser igual a 11 e onde uma pessoa inteira pode se assumir família junto a uma criança ou adolescente – e não

mais temos como modelo ideal a crença de que um casamento significa sempre ou somente a união vitalícia de duas metades de uma laranja que, obrigatoriamente, tinham de se completar até a morte”, esclarece o psicoterapeuta e escritor Leo Fraiman, idealizador da Metodologia OPEE de Projeto de Vida e Atitude Empreendedora, presente nas redes particular e pública.

Apesar da constatação, no entanto, ele ressalta que existe, ainda, a outra ponta, preenchida por mulheres angustiadas, exaustas, destituídas e intoxicadas pelo viés machista que ainda existe na sociedade. Ou seja, não se trata de um conto de fadas e sim de um processo que está ainda no começo, um novo modelo de ser humano e de nos relacionarmos.

Nessa relação estão também temas importantes que se conectam: a formação de crianças e adolescentes, as pressões da sociedade, os excessos tecnológicos, o isolamento social, a pandemia e, é claro, a escola.

AS ESCOLAS E AS MUDANÇAS

De acordo com Fraiman, não é possível generalizar quando o assunto é o tratamento que as instituições de ensino dispensam às famílias e suas novas configurações.

De um lado, o especialista ressalta o bom trabalho informativo realizado por instituições que se preocupam em adequar suas mensagens em diversos canais e plataformas – como redes sociais, podcasts, newsletters, encontros, rodas de conversa e leitura.

Nesses exemplos, afirma, quando os gestores entendem a importância da participação familiar, os resultados positivos aparecem tanto em rendimento quanto no próprio andamento escolar. Os bons frutos dessas iniciativas têm motivado a sistematização desses processos, com a presença de profissionais de outras áreas, como a da saúde, e de comunicação, por exemplo, para compor essa equação.

Esses são casos que estão fortalecendo o espírito comunitário e a educação entre os pais – mas ainda existem as que estão no chamado “modelo antigo”.

Fraiman: educação no futuro vai levar mais a sério a saúde mental



“ESSAS TEMÁTICAS COGNITIVAS E SOCIOEMOCIONAIS VÃO SE PAREANDO, ASSIM COMO OUTROS PILARES COMO PROJETO DE VIDA, ATITUDE EMPREENDEDORA, INTELIGÊNCIA EMOCIONAL, SUSTENTABILIDADE, HOJE TÃO EM ALTA NAS DIRETRIZES EDUCACIONAIS BRASILEIRAS.”

O ALUNO IDEAL E A POSITIVIDADE TÓXICA

Na visão do palestrante e escritor Leo Fraiman, a sociedade está vivendo em um universo que ele chama de instagramável, referindo-se a uma famosa rede social de compartilhamento de fotos e vídeos, em crítica à realidade de fama e sucesso que se estabeleceu ao redor das pessoas.

“Antigamente, uma pessoa se tornava conhecida por ser relevante – hoje ela é relevante por ser conhecida”, comenta, fortalecendo ainda a questão da imagem nesse contexto. “Vivemos em uma sociedade narcisista e imagética, em que já há adolescentes de 12 anos de idade querendo fazer cirurgia plástica”, comenta.

Neste mundo, complementa, o aluno não pode esperar, não pode ser frustrado e nem ter o tempo de se formar. Nas festas de aniversário para crianças de oito, dez anos, já é possível ver cada vez mais a presença do batom, do salto alto, das dancinhas e toda uma sexualização que se torna cada vez mais precoce.



“São aquelas que ainda existem nas chamadas ‘reuniões de pais’ e não de familiares, e que só convidam essas pessoas até a escola quando é preciso pagar alguma coisa ou, então, dar algum tipo de bronca”, diz. Isso em geral apenas reforça os

ressentimentos e o desengajamento. Daí para a “carteirada” é um pulo, alerta Fraiman, pois, se o pai e a mãe não são ouvidos, acolhidos, orientados, por que eles se dispõem a participar onde não são chamados e envolvidos de verdade?

O MITO DA EDUCAÇÃO PERFEITA

Para o psicoterapeuta, “o afã de se criar uma educação perfeita, sem lacunas, acaba indo na direção contrária às consagradas competências socioemocionais, que farão toda a diferença na conquista da nossa felicidade e, conseqüentemente, do nosso sucesso”, ressalta Fraiman. “Saberes tão importantes quanto a empatia e autoempatia, a compaixão e autocompaixão, o acolhimento e o autoacolhimento”, exemplifica.

“A habilidade de se conhecer e lidar com a sensibilidade alheia é tão importante quanto a Matemática, Física e Química”, diz. “É preciso olhar na angústia que vivemos hoje um chamado para a saúde mental, o equilíbrio, a moderação e uma vida com mais propósito”, reforça.

Para o especialista, a questão não é sobre dar mais aula: o Brasil é um dos que mais têm conteúdos no planeta e é um dos que ocupam as mais baixas colocações em rankings do segmento.

“Que tipo de ser humano estamos formando? Esta é a pergunta que importa. Nós procuramos contribuir para que sejam formados os melhores seres humanos para o mundo”, conclui.



“QUANDO OS GESTORES ENTENDEM A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO FAMILIAR, OS RESULTADOS POSITIVOS APARECEM TANTO EM RENDIMENTO QUANTO NO PRÓPRIO ANDAMENTO ESCOLAR.”

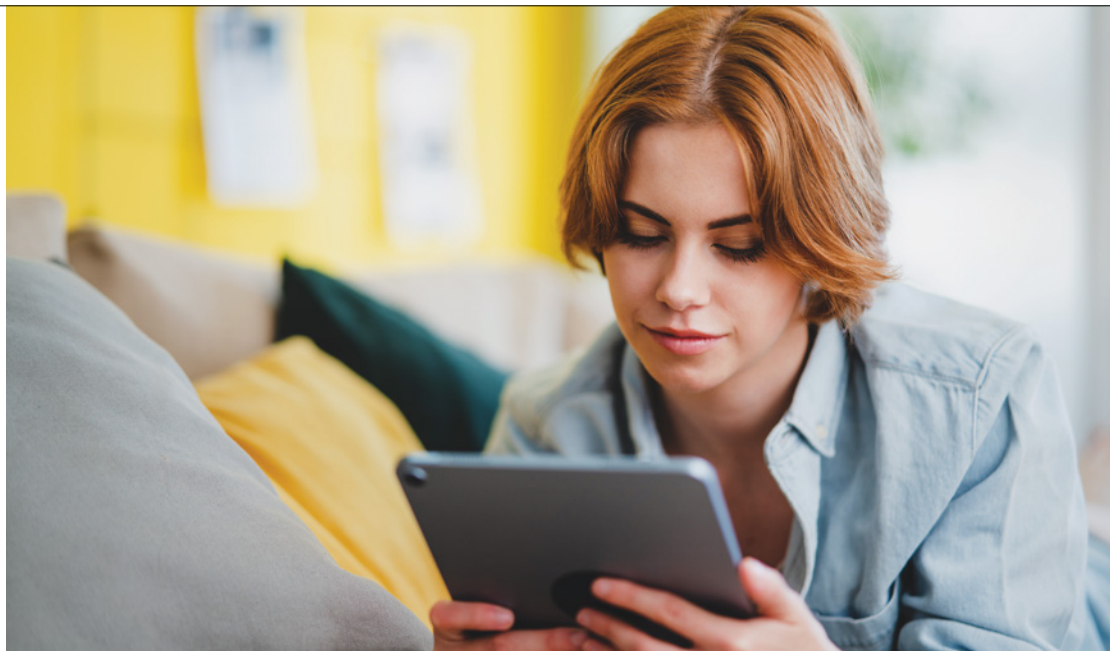
O PAPEL DO PROFESSOR NO NOVO CENÁRIO

Passados os momentos críticos registrados com o isolamento social por conta da pandemia do coronavírus, é preocupante a parte que coube ao docente como resultado dessa transição.

Segundo o psicoterapeuta, com o modelo de trabalho e ensino híbridos, que impactou crianças e seus familiares em um mesmo ambiente, o professor acabou ficando destituído de poder, pois muitas instituições não estão dando a eles o suporte emocional, a capacitação, a inspiração e o acolhimento que mereceriam.

“Hoje é tudo pelas crianças, sendo o aluno como centro. Não é raro o sentimento de que o docente, em muitos aspectos, virou um grande serviçal da família burguesa atual”, indica. Para o especialista, isso tem feito com que muitos desistam das carreiras no ensino por exaustão, por desconexão, por desengajamento, por sensação de não serem vistos. “Os índices de docentes com estresse e síndrome de burnout são brutais. Chego a me preocupar com a escassez de talentos nesta área e com o futuro do mundo educacional. Muitos se sentem sujeitos ocultos na oração”, comenta Fraiman.

Quem está conseguindo fazer diferente nesse cenário é quem oferece uma gestão competente, humanizada e proativa. “Quantas escolas têm plano de carreira, reconhecimento sistematizado, propósito revisitado continuamente, quantas mon-



tam seu banco de boas práticas, programas de acolhimento, aprendizado entre pares e motivação continuada? Infelizmente, esse cenário ainda é raro”, aponta.

AS ESCOLAS E A OBSESSÃO

Por medo de perder alunos, muitas escolas brasileiras estão optando por caminhos que Fraiman classifica como o perigo da obsessividade e do drama.

Em diversas instituições, os estudantes estão sendo submetidos a cargas horárias excessivas, onde se estuda 10, 12 horas por dia, com volume de atividades insano destinado às tarefas após a aula. “É desnecessário, improdutivo e insalubre. Precisamos de pausas, recrear, brincar, fazer nada, ter tempo livre é essencial para o desenvolvimento humano e esse cenário de atividades excessivas atende apenas ao medo de perder oportunidades, gerando prejuízos sérios à saúde mental, inclusive”, ressalta.

Na sua visão, existem casos em que a direção cede à pressão de pais e mães, que não são educadores. “Parece que hoje em dia todo mundo tem um palpite sobre como ensinar tudo e a escola, à medida que se enfraquece enquanto líder, se torna

refém de quem não quer frustrar o filho – cria-se aí o ciclo do ‘perde perde’: perde o professor, perde a família e perde o filho”, afirma.

A EDUCAÇÃO DO FUTURO

“Vejo que a educação no futuro vai ter que levar mais a sério a saúde mental – em cinco, dez anos esse será um tema tão importante a ser discutido quanto polinômios, equação da reta e outras disciplinas”, exemplifica o escritor.

Essas temáticas cognitivas e socioemocionais vão se pareando, assim como outros pilares como projeto de vida, atitude empreendedora, inteligência emocional, sustentabilidade, hoje tão em alta nas diretrizes educacionais brasileiras.

Há 20 anos, recorda-se, todos esses aspectos eram passíveis de longas explicações e convencimento junto aos gestores educacionais. Atualmente, essas são peças-chave e grandes diferenciais nas principais metodologias de ensino.

“Vejo com bons olhos (o futuro), que estamos caminhando para uma formação mais integral, o ser humano na sua totalidade. Acredito que ainda vou ver muita coisa boa no mundo. Esta é minha missão e estamos avançando”, finaliza. 🌐

O aluno no controle das atividades educativas



Apesar da familiaridade com o ensino a distância, a autonomia nos processos de aprendizagem passa a ser objeto de discussão para compreender o momento

Não há novidade em se falar em aprendizagem autônoma. Há registros de cursos e desenvolvimento de conteúdos por correspondência há mais de um século.

No entanto, o momento vivenciado pela educação no país, a evolução das metodologias de ensino e a popularização dos recursos tecnológicos fizeram com que a temática voltasse ao campo de destaque, por ser uma característica decisiva para os rumos do aprender.

“O conceito está relacionado diretamente com o uso das metodologias ativas que pressupõe uma postura diferente dos estudantes no processo-ensino aprendizagem, com o aluno assumindo um papel de protagonista das atividades pedagógicas”, explica a doutora do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual de Maringá (PR), Maria Luisa Furlan Costa.

A revista **Mundo Escolar** procurou teóricos que atuam com a evolução do papel de docentes e estudantes nessas plataformas, para entender o momento que estamos atravessando, com os efeitos da tecnologia e a transição após o isolamento social – e saber o que esperar do futuro.

IR ALÉM DO EAD

Apesar da forte relação da aprendizagem autônoma com as modalidades de ensino a distância e híbridas, ainda há a importância desse processo no desenvolvimento de um estudante como um todo.



Maria Luisa Furlan Costa, da UEM: estudos para que possamos repensar a questão da autonomia

“GOSTARIA DE VER QUE AS MUDANÇAS BRUSCAS MOTIVADAS PELA PANDEMIA ABRIRAM ESPAÇO PARA UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS, MESMO TENDO CIÊNCIA DE QUE O EMERGENCIAL SE CONSTITUIU APENAS NA TRANSPOSIÇÃO DA SALA DE AULA TRADICIONAL PARA A TELA DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS.”

— MARIA LUISA FURLAN COSTA

A PANDEMIA E O EAD

Para Alves, da Smartick, a pandemia foi um marco importante porque, de alguma maneira, trouxe reflexões sobre o uso das tecnologias no aprendizado e todas as suas nuances. “Na atualidade, no entanto, falamos muito sobre a interação que os recursos tecnológicos possibilitam entre alunos e professores”, diz.

Costa, da UEM, alerta para a necessidade de estudos sobre o tema no período pós-pandemia. “As pesquisas empíricas são fundamentais na medida em que nos permitem ouvir relatos de professores, de gestores, pais e alunos para ver se tivemos mudanças, ou não, nas estratégias utilizadas em sala de aula”, comenta.

A docente chama atenção para diferenciar o fenômeno que ocorreu durante o período de isolamento social, que classifica como Ensino Remoto Emergencial (ERE). “Gostaria muito de ver que as mudanças bruscas motivadas pela pandemia abriram espaço para utilização de metodologias ativas, mesmo tendo ciência de que o ERE se constituiu apenas na transposição da sala de aula tradicional para a tela dos dispositivos móveis”, destaca.



Eduarda Alves, da Smartick: processo importante no desenvolvimento de um estudante como um todo

“A CAPACIDADE DE TRABALHAR DE FORMA AUTÔNOMA, DE COMPREENDER E CUMPRIR AS REGRAS, DE COMPARTILHAR OU DE SER CAPAZ DE RESPEITAR AS REVIRAVOLTAS SÃO PARTICULARMENTE RELEVANTES PARA CONSEGUIR ESSA ADAPTAÇÃO DE FORMA MAIS POSITIVA.” – EDUARDA ALVES

“Quando falamos em crianças pequenas, por exemplo, pensamos em um aspecto central do crescimento que está relacionado à autonomia pessoal”, explica a psicóloga especialista em neurociência e responsável pela Atenção Pedagógica da Smartick Brasil, Eduarda Alves. “Essa habilidade, que se desenvolve durante a infância, está intimamente ligada à capacidade de autorregulação da criança”, diz, e de controlar as emoções e o comportamento para se adaptar com sucesso ao seu ambiente.

Já do ponto de vista do ambiente educacional, prossegue, a capacidade de trabalhar de forma autônoma, de compreender e cumprir as regras, de compartilhar ou de ser capaz de respeitar as reviravoltas são particularmente relevantes para conseguir essa adaptação de forma mais positiva. “Estudos recentes mostraram que essas habilidades são mais importantes do que o conhecimento acadêmico real que as crianças tinham durante esta etapa educacional”, afirma.

PILARES DO PROCESSO

De acordo com a psicóloga, nesse contexto, o processo de desenvolvimento educacional agrega três partes importantes, que envolvem a escola, a família e as crianças.

“A escola deve garantir que o ensino seja bem transmitido e aplicado, assim como estar atenta à maneira de agir com relação aos seus alunos e às atividades educacionais”, pontua.

Já as famílias, prossegue, devem regular e aplicar os limites no uso da tecnologia por parte das crianças. Necessitam, ainda, estar atentos ao que a criança aprende, para ajudá-la ainda que de uma maneira passiva.

“Nessa relação, por fim, estão as crianças, que acabam construindo um sentido de responsabilidade ao estudarem de maneira autônoma”, ressalta.

TECNOLOGIA E AUTONOMIA

Além dos benefícios amplamente citados sobre os efeitos do avanço digital no campo da educação, a aprendizagem autônoma tem como pilar impor-

tante a possibilidade de personalização educacional nesses ambientes.

“As plataformas mais modernas de educação já entenderam a importância de a criança trabalhar dentro do seu próprio ritmo, como é o caso, por exemplo, da plataforma Smartick, para crianças que queiram aprender matemática ou mesmo o aplicativo Duolingo, para idiomas”, exemplifica.

Na visão da especialista em neurociência, quando um aluno tem a liberdade de escolher o seu próprio caminho de aprendizado, é instigado para uma maior responsabilidade pelos estudos, além de despertar interesse por determinadas áreas do conhecimento.

“Uma criança que aprende a estudar de maneira autônoma também trabalha sua regulação emocional, sua responsabilidade e trilha caminhos para novos aprendizados – e isso é um bom indicador do rendimento acadêmico e do bom funcionamento escolar”, pontua.

Para Alves, o educando não apenas trabalha sozinho, mas tem a capacidade de aprender genuinamente e de entender de verdade qual é o seu ritmo de aprendizado e desenvolver sua autoconfiança.

REPENSAR O CONCEITO

Costa, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), ressalta que, quando se fala em aprendizagem autônoma e EAD, há parâmetros que precisam ser repensados na atualidade, à medida que o perfil dos estudantes matriculados na modalidade tem se modificado.

“Pensávamos muito em autonomia a partir da ideia de que os alunos tinham mais idade do que aqueles que frequentavam os cursos presenciais”, comenta a pesquisadora, que afirma já existirem pesquisas que mostram que a faixa etária dos matriculados em cursos a distância vem diminuindo a cada ano. “Esses estudos precisam ser realizados para que possamos repensar a questão da autonomia como condição para as dinâmicas diárias”, ressalta.

Para as rotinas não presenciais, a autonomia é

BOAS PRÁTICAS EM APRENDIZAGEM AUTÔNOMA

Uma lista de medidas compartilhadas pela psicóloga especialista em neurociência da Smartick, Eduarda Alves:

Respeitar o ritmo de cada criança: nem todos aprendem na mesma velocidade. Há muitos fatores que podem influenciar (ambiente, estimulação infantil, famílias, genética, doença ou trauma);

Autonomia buscando sempre melhorar a autoestima: a situação ideal seria aquela em que a criança é exposta a desafios e gosta de alcançá-los;

Ajuda dos adultos (nos bastidores): a criança sente que sua mãe e seu pai a apoiam, mas não ditam ou resolvem o problema – respeitem sua maneira particular de agir e, dessa forma, ela alcançará suas próprias conquistas, assumirá a responsabilidade por elas e terá orgulho de si mesma;

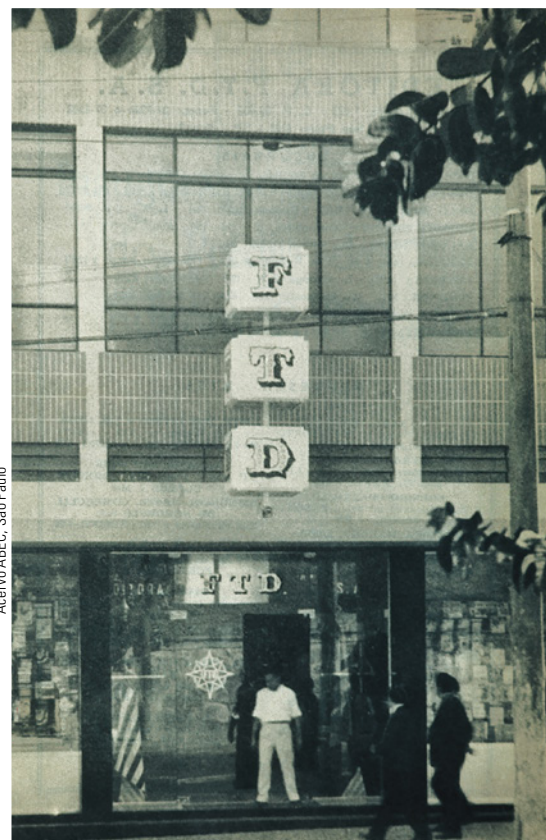
Aprendizagem não é uma competição entre alunos, professores ou escolas: o importante é estimular a curiosidade das crianças. O poder da descoberta é essencial para manter o desejo de continuar aprendendo, sem julgamentos.

fundamental para que os alunos possam organizar seu tempo para o desenvolvimento das atividades pedagógicas em espaços diferentes da sala de aula tradicional.

“Eu diria que nossos cursos de licenciatura precisam formar os professores para que possam estar preparados para a aprendizagem autônoma”, afirma Costa. “É preciso investir na formação inicial e continuada de professores que possa provocar uma mudança de postura e de comportamento de todos os envolvidos no processo educacional”, cita.

Os próximos passos, segundo a acadêmica, devem trazer bons frutos para a modalidade, tanto no número de adeptos quanto nos resultados apresentados. “Sou uma pessoa otimista e quero acreditar que uma parte da sociedade passou a ter um olhar diferente para o EAD e que nos próximos anos podemos ter uma combinação mais equilibrada com o ensino presencial, para que possamos desenvolver uma aprendizagem híbrida com qualidade”, conclui. 🌀

Empresa com tradição, mas nada tradicional



Arquivo ABEC, São Paulo



Acima, fachada da sede da editora, inaugurada em 1966 na rua dos Lavapés, Cambuci, e a entrada atual da sede da editora

Os 120 anos da FTD Educação em um olhar analítico, baseado nos desafios que o cenário educacional brasileiro enfrenta e suas projeções para o futuro

No mês de março, a FTD Educação completou 120 anos de história. A data marcou também o anúncio, por parte da empresa, de um faturamento anual superior a R\$ 1 bilhão, com presença em sistemas de ensino nos mais diversos perfis de escolas privadas e redes municipais, alcançando 1 milhão de estudantes.

O grupo que tem em seu nome as iniciais do Irmão Superior-Geral do Instituto Marista, Frère Théophile Durand, iniciou suas atividades no Brasil no ano de 1902.

Com uma trajetória mais que centenária em avanços e realizações no ramo editorial e no campo didático, nos últimos tempos a organização viu seu nome atrelado às inovações tecnológicas e soluções educacionais.

Testemunha ocular das principais etapas do ensino brasileiro em mais de um século, soube atuar e se moldar de forma relevante em cada fase – inclusive sob os até então impensáveis ecos de uma pandemia.

A revista **Mundo Escolar** convidou a diretora educacional da FTD Educação, Ceciliany Alves, para falar sobre a realidade na qual a instituição está inserida, aliada ao peso que a marca histórica traz ao cenário como um todo. “Ao contrário do que se costuma pensar, a tradição está estreitamente ligada à capacidade de inovação”, pontua, baseando-se em outros exemplos. “Se investigarmos as organizações centenárias, essa longevidade

de está associada à flexibilidade e a capacidade de adaptação aos diferentes contextos, bem como ao seu movimento constante de renovação”, diz.

RENOVAÇÃO PLENA

“Temos tradição, sim, mas não somos tradicionais”, pontua a executiva, que está há mais de 27

Ceciliany Alves, da FTD Educação: oferecer soluções que assegurem uma experiência de aprendizagem a todos



“SE INVESTIGARMOS AS ORGANIZAÇÕES CENTENÁRIAS, ESSA LONGEVIDADE ESTÁ ASSOCIADA À FLEXIBILIDADE E A CAPACIDADE DE ADAPTAÇÃO AOS DIFERENTES CONTEXTOS, BEM COMO AO SEU MOVIMENTO CONSTANTE DE RENOVAÇÃO.” – CECILIANY ALVES



Inauguração da primeira matriz na capital paulista, na presença do cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Agnelo Rossi

Arquivo ABEC, São Paulo

anos no grupo. “A tradição agrega um legado valioso e uma história de enfrentamento de grandes crises econômicas, sociais, tendências políticas das mais diversas; mas, aos 120 anos estamos em pleno momento de renovação”, pontua, citando a recente campanha de *rebranding* da marca (*confira reportagem especial sobre os bastidores dessa mudança, nesta edição*).

Em tanto tempo envolvida no segmento educacional, Alves contou que não imaginava que iria vivenciar cenas tão difíceis e danosas como as observadas durante a crise mundial do coronavírus.

Além da tragédia humanitária e social, a educação vive obstáculos urgentes. “Déficit de alfabetização, distorção da idade-série no processo de aprendizagem, evasão escolar e atraso no desen-

volvimento das competências socioemocionais, devido ao longo período de isolamento”, elenca.

Para a faixa etária entre 6 e 7 anos, lembrando o estudo apresentado pela organização Todos Pela Educação, foi constatado que 40,8% das crianças nessa fase escolar não sabem ler nem escrever. “No detalhamento da pesquisa, o que mais nos afeta nesses dados é saber que a maioria dessas crianças está na escola pública, em situação de pobreza ou expostas a alguma vulnerabilidade social”, relata.

A missão da FTD Educação, reforça, com sua atuação em todas as esferas do mercado editorial, é a de contribuir para a melhoria da educação brasileira por meio da produção de conteúdos, serviços e tecnologias de qualidade. A ideia é oferecer soluções que assegurem uma experiência exitosa de aprendizagem a todos – “alunos da escola pública e privada”, sublinha.

Outra área de atuação é a formação de docentes e instrumentos de avaliação. “Avaliar sempre e, a partir dos resultados, estabelecermos planos de melhoria e superação das dificuldades de aprendizagens”, comenta. O objetivo desse ciclo é que os dados obtidos jamais fiquem na “gaveta” e sejam, constantemente, convertidos em relatórios e consultoria educacional para elaboração de possíveis planos de correção.

CONTEÚDO PARA TODOS

Uma iniciativa que traz orgulho para Ceciliany foi desenvolvida no conturbado período pandêmico. Uma fase turbulenta, em que professores e gestores se esforçaram e, muitas vezes, improvisaram para manter o processo em curso e o apoio às famílias. “O contato com a escola e com os professores foi intensificado por meio de plataformas, e-mails e, principalmente, pelo aplicativo WhatsApp”, recorda.

Esse contato se deu assim que surgiu a constatação de que o período de isolamento seria bem mais longo do que se imaginava. Além do investimento em plataformas e soluções digitais para assegurar o ensino a distância e o híbrido, nasceu uma iniciativa de democratização de conhecimentos.



Registro da Gráfica e Logística da FTD Educação

“Fizemos uma curadoria de todo o conteúdo que poderíamos entregar gratuitamente para toda a sociedade: livros, avaliações, material de formação, tudo que conseguimos”, conta a diretora educacional, introduzindo o que seria o projeto do canal Conteúdo Aberto (<http://conteudoaberto.ftd.com.br>), plataforma digital de materiais de qualidade, distribuídos gratuitamente para alunos e professores de todo o país, com números robustos de acessos e engajamento. O portal continua no ar e é constantemente aperfeiçoado. “Fizemos parcerias com outras empresas de educação, com autores, fornecedores, todos que estavam dispostos a colaborar com a continuidade da aprendizagem das crianças e jovens, professores, gestores, famílias. Foi uma experiência muito gratificante”, comemora.

A ERA DO “MAIS”

Mais empática, mais humana, mais tecnológica, mais sustentável. “Estamos vivenciando exatamente isso, a intensidade das coisas, mais, mais e mais. Ela pode ser danosa no processo de apren-

dizagem”, alerta, referindo-se à urgência em sanar os déficits educacionais, o que pode levar a processos intensos e desgastantes tanto para educadores quanto para os alunos e causar outros danos.

“Temos que recuperar a aprendizagem perdida, mas para tanto devemos criar condições favoráveis e respeitáveis para os alunos e profissionais”, explica, sugerindo para esse feito uma união de esforços entre escola, família e sociedade para a recuperação com qualidade, contando, evidentemente, com políticas públicas dedicadas à causa.

“Humanização, tecnologia e meio ambiente não são componentes curriculares, são premissas de uma educação humana e integral qualificada”, diz. 🌐

A MISSÃO DA FTD EDUCAÇÃO, REFORÇA, COM SUA ATUAÇÃO EM TODAS AS ESFERAS DO MERCADO EDITORIAL, É A DE CONTRIBUIR PARA A MELHORIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA POR MEIO DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS, SERVIÇOS E TECNOLOGIAS DE QUALIDADE.

Marca histórica não se muda, evolui

As etapas que envolveram o processo da evolução da identidade visual e o estabelecimento de novas diretrizes do grupo FTD, em seus 120 anos

No início do mês de maio, foi revelada a evolução da identidade visual da marca da FTD Educação. Em linhas gerais, a seta da marca FTD (o símbolo Delta) foi incorporada à letra D do novo logotipo, com o objetivo de trazer mais protagonismo para o elemento e enriquecer a linguagem gráfica.

Com relação às cores, o logo ganhou tons de azul mais vibrantes, para transmitir o conceito de inovação. A palavra “educação” passou a ser escrita com tipografia arredondada e em caixa baixa, buscando torná-la mais próxima e amigável.

No entanto, o processo de *rebranding* ao qual a marca foi submetida, em um período que totalizou um ano de trabalho, vai muito além da logotipia.

“Ela é uma empresa de educação e continua sendo, mas há uma evolução desse propósito.

É o de colocar como ponto central de estratégia os públicos que ela serve: alunos, pais, professores, diretores pedagógicos, entre outros”, explica o sócio e chefe da Área de Estratégia (CSO) da agência Pande, Gian Franco Rocchiccioli.

De acordo com a diretora adjunta de Marketing, Produtos e Experiência do Cliente da FTD Educação, Roberta Campanini, o trabalho mobilizou o time em busca de um resultado inovador, que tivesse também tecnologia, humanização e proximidade. “Partimos de uma pesquisa exploratória qualitativa interna e externa, que permitiu que entendêssemos o reconhecimento dos nossos pilares de marca: parceira, flexível e humana”, explica. “O cliente trouxe mais um pilar de reconhecimento: inovação! Que foi agregado à nossa nova comunicação”, relata.



OS PILARES

A trajetória empresarial, que ultrapassa um século, hoje se norteia pelos pilares que sustentam as ações cotidianas do grupo, conforme descreve o institucional da marca.

Inovadora pois está sempre atenta à evolução das necessidades dos públicos, desenvolvendo soluções em inovação – digitais ou analógicas – que

facilitam a aprendizagem dos estudantes e otimizam todo o ecossistema educacional.

Parceira pelo relacionamento muito próximo com escolas, professores, estudantes e responsáveis, que permite a identificação, com clareza, de quais são suas necessidades.

Flexível pela capacidade de acompanhar e evoluir com as mudanças, considerando diferentes contextos e pontos de vista.

Humana, por conta do cuidado com todas as pessoas envolvidas na operação, em favor da formação e da construção de valores.



MUDAR UMA CHANCELA HISTÓRICA

Há mais de 20 anos no mercado, a consultoria Pande trabalha com companhias das mais diversas naturezas, atuando no Brasil, América Latina, América do Norte, Europa e África.

Dentre seus clientes, há nomes tradicionais dos consumidores como Nestlé, Grupo Carrefour e Catupiry. Com a FTD Educação, a parceria com a Pande teve início em 2014.

A conclusão das mudanças que afetam o posicionamento e a marca coincide com os 120 anos de história do grupo no país. Esse tipo de tradição e longevidade afeta o desenvolvimento de um trabalho dessa natureza?

Rocchiccioli: podemos mensurar a força da FTD e a confiança que ela gera na tomada de decisão

“Em termos de técnicas, o cuidado é o mesmo – mas a profundidade é diferente”, pontua Rocchiccioli. “No caso de marcas históricas e antigas, o consumidor se sente mais dono delas e, para mudar, é preciso avaliar bem e ter um cuidado com o nível de alterações que vai além do tradicional”, diz.

O processo de *rebranding* envolveu três grandes etapas. Na primeira houve a imersão diagnóstica para entender os estágios em que a empresa já se encontra, sob o olhar dos mais diversos setores e *players* desse mercado. “Nessa fase, pudemos mensurar a força da FTD, o tamanho que o seu nome tem e a confiança que ele gera na tomada de decisão em parceiros de todo o território nacional”, explica o executivo.

A etapa seguinte foi ligada ao posicionamento: estabelecer a empresa em um outro patamar, que é o de ser uma plataforma de soluções educacionais. Por fim, a terceira fase dos trabalhos, focada nas formas de tangibilizar essas renovações. “Produzimos um manifesto, em formato de vídeo, que orientou o processo criativo para realizar as mudanças”, cita. 🌐



Campanini: nova marca está mais inovadora e alegre

“NO CASO DE MARCAS HISTÓRICAS E ANTIGAS, O CONSUMIDOR SE SENTE MAIS DONO DELAS E, PARA MUDAR, É PRECISO AVALIAR BEM E TER UM CUIDADO COM O NÍVEL DE ALTERAÇÕES QUE VAI ALÉM DO TRADICIONAL.”

NOVIDADES EM VÁRIOS SEGMENTOS

Com faturamento anual de R\$ 1 bilhão, alcançado no “Volta às aulas” de 2022, a FTD Educação anuncia novidades que estarão ao alcance de milhares de pessoas nos próximos meses.

Uma dessas propostas é a plataforma gamificada de leitura Literama. Trata-se de uma solução educacional, com formato inédito no mercado nacional, que cria um universo digital e convida jogadores/leitores a avançarem no formato de game com seus avatares.

Nesse ambiente, ler muitos livros e desvendar os mistérios de um mundo virtual baseado em grandes obras da literatura significa evoluir na jornada.

De acordo com Campanini, o grupo já tem registrado muitos elogios sobre a nova marca. “Está mais inovadora e alegre – e a possibilidade de uso das novas cores também agradou muito, traz muitas possibilidades de aplicação”, pontua a diretora adjunta. “É um novo tempo, mais leve e fluido”, diz.

Edtechs

A empresa também apresenta inovações nas parcerias com edtechs. O Órbita, projeto em sinergia com a aceleradora Hotmilk, que também faz parte do Grupo Marista, é uma iniciativa que já mapeou mais de 120 startups, com cerca de 40 selecionadas para dois pitches que aconteceram em março e abril.

Algumas dessas parceiras já estão desenvolvendo novas soluções educacionais para a empresa, como a Tindin, que trabalha com gamificação para educação e foi a criadora de soluções para a Literama.

Números

Atualmente, são 970 mil alunos e a expectativa é fechar 2022 com mais de 1 milhão de estudantes em seus sistemas de ensino, sendo 850 mil na rede privada e mais de 250 mil na rede pública.

A FTD Educação liderou o fornecimento das soluções educacionais para ensino médio nos programas do Ministério da Educação (PNLD), já de acordo com a nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Você na sua MELHOR performance.

LEONARDO
ENGENHARIA
UFALE UFV

**FELIPE
CASTANHARI**
EMBAIXADOR DO
FTD SISTEMA DE ENSINO

KÁSSIA
EDUCAÇÃO
FÍSICA - UEPG



SAIBA MAIS:
FTDSE.FTD.COM.BR

Literama

Aprender jogando nunca foi tão divertido!

Literama é a nova plataforma de leitura gamificada da **FTD Educação**, voltada para os anos finais do Ensino Fundamental.

O jogo se passa no mundo fictício de Venturia, onde as pessoas pararam de ler. E, para resolver esse mistério, o estudante deve encontrar pistas, completar missões, interagir com os personagens do game e o principal: ler livros.

Por que a sua escola precisa de Literama?

- > Incentivo à leitura
- > Acompanhamento da aprendizagem
- > Autonomia para o estudante
- > Maior produtividade e interatividade
- > Motivação para o estudo
- > Conteúdo voltado para o jovem



Acesse e saiba mais sobre a plataforma gamificada Literama!

Aumente o índice de leitura da sua escola.



@ftdliterama



/ftdliterama

FTD
educação